

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História  
Rio de Janeiro/RJ, 2021**

***Literatura, política e história na obra de E. P. Thompson***

***Literature, politics and history a comment on E. P.  
Thompson's work***

Adriano Duarte<sup>1</sup>

**Resumo:**

O objetivo desse estudo é investigar os modos como o historiador marxista britânico E. P. Thompson se apropria da literatura em suas obras historiográficas. Isso implica refletir sobre como ele pensa a relação entre a história e a literatura, bem como quais seriam seus interlocutores e suas fontes de inspiração.

Palavras-chave: literatura, história, forma/conteúdo, marxismo

**Abstract:**

Abstract: The present study aims at investigating how the Marxist historian E. P. Thompson employs literature in his historiographic works. This implies reflecting on how he thinks the relationship between history and literature, as well as who his interlocutors and sources of inspiration would be.

Keywords: literature, history, form/content, marxism

A mediação entre qualquer obra intelectual ou artística e a própria experiência e participação na sociedade nunca é imediata, nunca é direta. Quero dizer, nenhum pintor pode pintar sua experiência política como tal. E se ele tenta fazer isso ele pinta um cartaz, que talvez tenha valor como um cartaz.<sup>2</sup>

I

Aquele que tiver tido contato com as obras de E. P. Thompson terá notado a importância central que ele atribui à literatura, não apenas para sua argumentação, mas para a própria construção de seus problemas de pesquisa. Na introdução ao livro *The essential of E. P. Thompson*, publicado em 2000, a historiadora Dorothy Thompson escreveu que, embora Edward Thompson houvesse concluído o curso de História, “provavelmente seu primeiro amor foi sempre a literatura, em especial a poesia e o

---

<sup>1</sup> Professor de história do Brasil e história contemporânea na Universidade Federal de Santa Catarina. organizou com Ricardo Müller o livro “*E. P. Thompson: política e paixão*”. Chapecó. Argos, 2012.

<sup>2</sup> ABELOVE, Henry. (ed.) *Visions of history: interviews with E. P. Thompson* by MARHO: The radical historians organization. New York. Pantheon books, 1976, p. 6.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

teatro.”<sup>3</sup> Seu primeiro livro publicado, resultado de um longo estudo, foi sobre o poeta, arquiteto e pintor William Morris. Em uma entrevista de 1976, Thompson comentou sobre o papel preponderante que a literatura tinha em seu trabalho e em sua formação intelectual:

*Eu estava preparando minhas primeiras aulas. Ensinava tanto literatura quanto história e pensava: como posso, para começar, ante uma sala de adultos, muitos deles do movimento operário, falar do significado da literatura em suas vidas. Então comecei a ler Morris... Morris tomou a decisão de que eu teria de apresentá-lo a eles. E no curso dessa apresentação eu levei muito mais a sério a ideia de me tornar historiador.*<sup>4</sup>

Seu companheiro de militância política, o também membro do grupo de historiadores do Partido Comunista Britânico, Christopher Hill, escreveu um inspirado texto, por ocasião de seu falecimento:

*Como Karl Marx, Thompson caminhou na contracorrente ao usar a **literatura como fonte para a história social e econômica** (...) Quem, senão Thompson, citaria Chaucer, Tristram Shandy, Wordsworth, Dickens e os poetas do século XVIII Stephen Duck e Mary Collier em um artigo sobre “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”? Ele não tinha paciência alguma com o determinismo demográfico e estatístico nem com termos enganosamente “neutros” como “modernização” e “industrialização”, usados com o fito de evitar o rude termo “capitalismo”. O marxismo de Thompson era inteiramente alheio a dogmas preconcebidos.*<sup>5</sup>

Thompson estudou com afinco os escritores e poetas românticos ingleses e um de seus últimos trabalhos, publicado postumamente, foi sobre o poeta William Blake.<sup>6</sup> Escreveu também uma novela de ficção científica e um grande número de poemas. Não seria exagero dizer que a literatura emerge em suas obras como uma chave para pensar o mundo com seus conflitos e suas contradições. E o faz, entrelaçando os aspectos econômicos, políticos e sociais, que, de modo geral, são percebidos pelo senso comum

---

<sup>3</sup> THOMPSON, Dorothy. *The essential E. P. Thompson*. New York. 2000, p. 8.

<sup>4</sup> ABELOVE, Henry. Op. Cit., p. 13.

<sup>5</sup> NEGRO, Antônio Luigi e Silva, Sérgio. (org.) Thompson. E. P. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas. Editora da Unicamp, 2001, p. 5. Grifos meus.

<sup>6</sup> William Morris: *romantic to revolutionary*. Stanford University Press. California, 1976. [1955]. A novela *The sykaos papers*. Pantheon Books, New York 1988. Os poemas foram reunidos em *E. P. Thompson collected poems*. Bloodaxe Books. Newcastle, 1999. O estudo sobre os poetas românticos *The romantics: England in a revolutionary age*. New Press. New York, 1997. O livro sobre William Blake: *Witness against the beast: William Blake and the moral law*. New York. The New Press, 1993.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

como desconectados uns dos outros. Para ele literatura seria um modo de pensar o lugar que as pessoas ocupam no mundo, nas teias complexas que conectam esses diversos aspectos.

Entre 1950 e 1970, Thompson escrevera uma obra erudita a cada dez anos (*William Morris, a Formação da Classe Operária, Senhores e Caçadores*), e em todas elas “percebia uma grande variedade de formas de expressão literária, não como ‘ilustrativas’ dos movimentos que estava estudando, mas como parte essencial destes.”<sup>7</sup>. Quando descobriu que estava doente, planejou escrever dois estudos. O primeiro, sobre a cultura popular consuetudinária da Inglaterra do século XVIII, e o outro sobre o movimento romântico inglês da década de 1790. O primeiro projeto deu origem à publicação, em 1991, de *Costumes em Comum*. Porém, veio a falecer antes de realizar o segundo projeto que, como menciona Dorothy, “era para ele ainda mais importante.”<sup>8</sup>

Durante toda a vida, ele havia coletado material e publicado ensaios esparsos sobre os poetas românticos ingleses. Parte dessas anotações deu origem ao livro póstumo: “*Witness against the beast*”, sobre o poeta William Blake; outra parte foi reunida pela própria Dorothy no livro “*The romantics: England in a revolutionary age*”. Em resumo, a maneira como E. P. Thompson pensava a literatura não está em uma obra específica, está em todas elas, livros, artigos e entrevistas, bem como no modo como ele entendia a própria história como disciplina. Esse é o argumento central deste estudo: para o historiador inglês, história e literatura são dois modos entrelaçados de pensar a agência humana, a *literatura é uma fonte para história social*, tanto quanto esta é a matéria concreta, que se transmuta naquela forma específica.

## II

O papel atribuído por E. P. Thompson à literatura, como meio para expressão das angústias sobre o presente, como fonte de conhecimento sobre o mundo e sobre o passado, em particular, não foi um caso isolado entre militantes de esquerda na Inglaterra. Já se sugeriu que, em torno da revista *Scrutiny*, fundada em 1932, e de seu editor, Frank Raymond Leavis, desenvolveu-se um movimento crítico com espírito totalizante que, em

---

<sup>7</sup> THOMPSON, Dorothy. Op. Cit. p. 7.

<sup>8</sup> Idem, p. 8.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

certo sentido, teria ocupado o lugar de uma sociologia clássica e de um marxismo nacional. Assim, a fragilidade de ambos na cultura britânica, teria deixado à literatura o papel central como referência crítica, acerca da sociedade moderna. “Com Leavis, a crítica literária inglesa assumiu a responsabilidade pelo julgamento moral e pela asserção metafísica, tornando-se o carro chefe das humanidades.”<sup>9</sup> Dessa forma, a literatura foi alçada, na década de 1930, a um patamar “a partir do qual se podia julgar a qualidade de vida da sociedade contemporânea”<sup>10</sup>. A literatura e a crítica literária se constituíram como o principal tribunal a partir do qual se podia, de forma efetiva, avaliar e julgar a constituição de uma sociedade industrial e capitalista. Tornando-se assim, referência central para todo compromisso político de esquerda e para a condenação ao *status quo*.

Desse modo, toda uma geração de jovens estudantes britânicos, com algum grau de insatisfação política e simpatias pela esquerda, na década de 1930, tinha a literatura e a crítica literária como referência das atividades intelectuais centrais, nas quais podia desenvolver e exercitar o espírito crítico. Terry Eagleton explicou a centralidade cultural e política da literatura e da crítica literária, como parte fundamental da identidade e do senso de missão, que teriam marcado a Grã-Bretanha, quando seu desenvolvimento industrial foi progressivamente superado pela concorrência alemã e estadunidense, na corrida por novos mercados, culminando na I guerra mundial, em 1914. “O que estava em jogo, nos estudos ingleses, era menos a *literatura* inglesa do que a literatura *inglesa*: nossos grandes ‘poetas nacionais’, Shakespeare e Milton, o senso de tradição nacional ‘orgânica’ e de uma identidade, que podiam ser criadas nos recrutas pelo estudo das letras humanas”.<sup>11</sup>

O impacto social produzido pela perda da centralidade econômica e o conseqüente declínio de importância internacional, do outrora todo-poderoso império britânico, teria marcado de forma indelével a geração nascida no entre guerras:

*Em princípios de 1920, a razão pela qual o inglês deveria ser estudado era desesperadamente obscura: em princípios da década de 1930, a indagação era por que desperdiçar tempo com qualquer outra coisa. O inglês não era apenas uma matéria que*

---

<sup>9</sup> ANDERSON, Perry. “Components of the National culture” In: *New Left Review*, I/50, July-August, 1968, p. 58.

<sup>10</sup> CEVASCO, Maria Elisa. Para ler Raymond Williams. São Paulo. Paz e Terra, 2001, p. 82.

<sup>11</sup> EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. São Paulo Martins Fontes, 2006, p. 42. Grifos no original, p. 42. Grifos no original.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

*valia a pena estudar, mas a atividade mais civilizadora, a essência espiritual da formação social.*<sup>12</sup>

Desse modo, as décadas de 1930 e 1940 foram marcadas pela institucionalização do inglês como uma disciplina acadêmica e com destacado papel de contestação social, uma vez que havia se constituído em contraposição ao *status quo*. Desde sua origem, o estabelecimento de um método interpretativo, que garantisse a validade institucional dessa disciplina, o *close reading*, foi associado ao nome de F. D. Leavis. Do mesmo modo, e talvez ainda mais importante, a afirmação do sentido de missão social da crítica literária e do espírito *anti-establishment* se expandiu ligada à revista *Scrutiny*, criada por ele e “por meio da qual se criticava não apenas a literatura, mas toda a organização social da Inglaterra de então.”<sup>13</sup> Nesse contexto, a literatura não era apenas uma disciplina acadêmica ou uma simples área do conhecimento; era o próprio *locus* em que as questões fundamentais do significado da sociedade inglesa (democracia, indústria, cultura, classe, arte etc) eram problematizadas, ocupando, portanto, um lugar central tanto na história cultural inglesa, quanto no seu pensamento político e social, no pós-guerra. Por conseguinte, não é surpreendente o envolvimento de E. P. Thompson, e de toda sua geração, com a literatura. Por conseguinte, não é surpreendente o envolvimento de E. P. Thompson e de toda uma geração de jovens de esquerda, que cresceram entre os anos 1930/1940, com a literatura como o meio primordial de reflexão sobre o mundo. Afinal, como ele mesmo observou:

*Nossos poetas desenvolveram ocasionalmente a filosofia para além do que fizeram nossos filósofos. Quando eu, que fui formado neste idioma, penso nos problemas de determinismo e livre arbítrio ou de processo social e agência individual, não parto de Spinoza, passando por Marx, Heidegger e Sartre, mas caio em uma meditação de outro tipo, condicionada por uma cultura literária, por entre instâncias, objeções, qualificações, metáforas ambíguas.*<sup>14</sup>

A literatura é um meio para o conhecimento sobre a história. Entretanto, supor que a literatura é uma fonte como outra qualquer para o historiador é apenas enunciar um

---

<sup>12</sup> Idem, p. 47.

<sup>13</sup> CEVASCO, Maria Elisa. Op. Cit. p. 93.

<sup>14</sup> Müller, Ricardo Gaspar e Duayer, Mario (Org.) *A carta aberta de E. P. Thompson a L. Kolakowski e outros ensaios*. Editoria Em Debate/UFSC. Florianópolis, 2019. p. 43. Grifos meus.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

problema. Afinal, o trabalho de qualquer historiador começa com a problematização das peculiaridades da sua fonte. Nesse caso, a pergunta a ser feita é: como a literatura se torna fonte para o historiador E. P. Thompson? Sendo a história a disciplina do contexto e do processo, é bom partir do pressuposto de que: “não existe uma literatura que seja “realmente” grande ou “realmente” alguma coisa, independentemente das maneiras pelas quais essa escrita é tratada dentro de formas específicas de vida social e institucional.<sup>15</sup> Dito de outro modo, a literatura só revela seu pleno significado, quando pensada no contexto (social, político e econômico) em que é produzida. Mas é importante destacar que a literatura não é lida apenas no contexto em que foi produzida, ela continua a produzir significados que ultrapassam seu tempo de produção e seu contexto. A literatura é do seu tempo e contexto, contudo tem a peculiar capacidade de ultrapassá-los, exprimindo certa autonomia em relação a ambos.<sup>16</sup> Isso lhe dá uma condição especial, porque exige que a pensemos no seu tempo e contexto, mas também em cada tempo e contexto no qual é lida; o que implica que a pensemos na sua relação própria com as outras obras, que a precederam e com as quais dialoga, uma vez que é resultado das interações do próprio campo literário.

---

<sup>15</sup> EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 294, p. 306.

<sup>16</sup> “O difícil não é compreender que a arte grega e a epopeia se achem ligadas a certas formas do desenvolvimento social, mas que ainda possam proporcionar gozos estéticos e sejam consideradas em certos casos como norma e modelo inacessíveis. Um homem não pode voltar a ser criança sem retornar à infância. Mas não se satisfaz com a ingenuidade da criança e não deve aspirar a reproduzir, em um nível mais elevado, a sinceridade da criança? Não revive na natureza infantil o caráter próprio de cada época em sua verdade natural? Por que a infância social da humanidade, no mais belo de seu florescimento, não deveria exercer uma eterna atração, como uma fase desaparecida para sempre? O encanto que encontramos em sua arte não está em contradição com o caráter primitivo da sociedade em que essa arte se desenvolveu. E, ao contrário, sua produção; poder-se-ia dizer melhor que se acha indissolúvelmente ligada ao fato de que as condições sociais imperfeitas em que nasceu e nas quais forçosamente tinha que nascer não poderiam retornar nunca mais.” MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política* Tradução e Introdução de Florestan Fernandes. Editora expressão popular, 2008, p. 271/272.